

MEMÓRIA, TERRITÓRIO E RESILIÊNCIA SOCIAL: O PALMEIRA CLUBE DE ITUIUTABA-MG COMO ESPAÇO DE SOCIABILIDADE NEGRA

Matheus Barbosa Dias¹

¹Universidade Federal de Uberlândia, Ituiutaba, Brasil (matheusbdias99@ufu.br)

Resumo: Este trabalho analisa o Palmeira Clube de Ituiutaba-MG como território de sociabilidade, memória e resistência negra. A partir de pesquisa bibliográfica, documental e iconográfica, discutem-se práticas associativas, culturais e comunitárias que produziram pertencimento, visibilidade e resiliência social diante de desigualdades raciais e urbanas.

Palavras-chave: Palmeira Clube; território; memória; sociabilidade negra; Ituiutaba-MG

INTRODUÇÃO

A história urbana brasileira é marcada por processos desiguais de produção do espaço, nos quais diferentes grupos sociais ocuparam posições distintas quanto ao acesso à moradia, ao lazer, ao reconhecimento público e à participação nas instituições culturais. Nas cidades médias do interior, esses processos nem sempre aparecem por meio de grandes monumentos ou de registros oficiais abundantes, mas se revelam em práticas cotidianas, em memórias familiares, em clubes, associações, festas e espaços de encontro que contribuíram para organizar formas coletivas de pertencimento. Nesse sentido, os clubes sociais negros podem ser compreendidos como lugares de sociabilidade e de construção identitária, pois reuniram sujeitos historicamente submetidos a formas explícitas e sutis de exclusão racial, oferecendo condições para a produção de vínculos comunitários, circulação de referências culturais e afirmação social.

O presente trabalho toma como objeto o Palmeira Clube, localizado em Ituiutaba-MG, analisando-o como espaço de sociabilidade negra, território simbólico e lugar de memória coletiva. A escolha desse recorte se justifica pela relevância dos clubes negros na história social brasileira e pela necessidade de ampliar as interpretações sobre a formação urbana de Ituiutaba a partir de sujeitos e experiências que nem sempre ocupam lugar central nas narrativas oficiais da cidade. Ao deslocar o olhar para o clube, torna-se possível compreender que a cidade não é apenas uma estrutura física, composta por ruas, praças e edificações, mas também uma trama de relações sociais, lembranças, disputas e usos que dão significado ao espaço.

A noção de território adotada neste estudo não se limita à dimensão jurídico-administrativa ou à posse material de uma área. Parte-se da compreensão de que o território é produzido por relações de poder, apropriação, identificação e uso social do espaço, articulando sistemas de objetos, sistemas de ações, práticas cotidianas e agentes sociais concretos (Santos, 2006; Haesbaert, 2004; Carlos, 2011; Corrêa, 2011). Assim, um clube social pode ser interpretado como território quando se torna referência para determinados grupos, quando concentra práticas culturais, quando organiza pertencimentos e quando

produz fronteiras simbólicas entre estar dentro e estar fora de um espaço socialmente reconhecido. O Palmeira Clube, nesse sentido, é analisado como expressão de territorialidade negra, pois sua existência se articulou a formas de resistência, convivência e produção de memória em uma cidade atravessada por desigualdades raciais e socioespaciais.

A reflexão também dialoga com o debate sobre memória. Para Halbwachs (2006), a memória é socialmente construída, pois depende dos grupos, dos quadros de referência e das relações que sustentam a lembrança. Nora (1993), ao discutir os lugares de memória, chama atenção para a importância de espaços, objetos e práticas que condensam lembranças coletivas e permitem a continuidade simbólica de determinados grupos. Desse modo, o Palmeira Clube pode ser lido como lugar de memória não apenas por sua materialidade, mas pela densidade de experiências que abriga: bailes, festas, encontros, redes de amizade, reconhecimentos públicos e trajetórias de sujeitos negros que participaram da vida urbana de Ituiutaba.

No campo da história social da população negra no Brasil, estudos sobre associativismo, imprensa negra, clubes, irmandades e movimentos sociais indicam que a população negra não permaneceu passiva diante da marginalização posterior à abolição. Pelo contrário, organizou estratégias de participação social, escolarização, trabalho, lazer e reivindicação de reconhecimento (Domingues, 2007). No debate específico sobre clubes sociais negros, Braga (2019) e Silva (2017) reforçam que essas agremiações devem ser analisadas para além da recreação, pois constituíram espaços de sociabilidade, cidadania, memória, patrimônio cultural e resistência afrodescendente. A experiência do Palmeira Clube se insere nesse quadro mais amplo, pois mostra que o lazer e a cultura também foram dimensões importantes da luta por dignidade, respeito e visibilidade.

A abordagem do Palmeira Clube se relaciona ainda com a discussão sobre identidade. Hall (2003) observa que as identidades são construídas historicamente, em processos de representação, diferença, diáspora e disputa simbólica. Em uma sociedade marcada pelo racismo, a construção de espaços nos quais sujeitos negros pudessem se reunir, celebrar, organizar diretorias, promover eventos

e ocupar posições de prestígio possuía significado político e cultural. O clube não apenas oferecia entretenimento; ele produzia reconhecimento, criava referências comunitárias e ampliava a possibilidade de representação positiva da população negra na cidade.

A temática do VII CoBICET, ao destacar a resiliência em tempos de disrupção, permite aproximar a análise do Palmeira Clube de uma discussão interdisciplinar sobre educação, trabalho e sociedade. A resiliência social, neste trabalho, não é entendida como adaptação passiva às desigualdades, mas como capacidade coletiva de construir espaços de pertencimento, preservar memórias e produzir estratégias de afirmação em contextos de exclusão. A trajetória do clube revela que grupos sociais historicamente marginalizados também produziram instituições, normas, símbolos e práticas de sociabilidade capazes de sustentar vínculos e enfrentar apagamentos.

O objetivo geral deste trabalho é analisar o Palmeira Clube de Ituiutaba-MG como território de sociabilidade, memória e resistência negra. Especificamente, busca-se: identificar as dimensões territoriais e simbólicas associadas ao clube; discutir sua relação com a memória coletiva e a identidade negra; interpretar sua relevância para a compreensão da formação urbana e cultural de Ituiutaba; e refletir sobre suas contribuições para debates educacionais, patrimoniais e interdisciplinares acerca das relações raciais na cidade.

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa foi desenvolvida a partir de abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico, documental, iconográfico e interpretativo. A opção pela abordagem qualitativa se justifica porque o objeto investigado envolve memórias, práticas de sociabilidade, relações de pertencimento e significados atribuídos ao espaço, dimensões que não podem ser compreendidas apenas por mensurações numéricas. O trabalho procura interpretar sentidos sociais produzidos em torno do Palmeira Clube, cruzando referências teóricas com documentos, imagens e registros ligados à trajetória da entidade.

O percurso metodológico foi organizado em quatro procedimentos principais. O primeiro consistiu na revisão bibliográfica, delimitada a autores diretamente vinculados aos eixos do trabalho. Para discutir produção do espaço, território e cidade, foram priorizados Santos (2006), Haesbaert (2004), Lefebvre (2013, 2025), Carlos (2011) e Corrêa (2011). No eixo da memória, foram mobilizados Halbwachs (2006), Nora (1993) e Pollak (1989). Para interpretar identidade, sociabilidade negra e clubes sociais negros, foram utilizados Hall (2003), Domingues (2007), Braga (2019) e Silva (2017). Essa seleção evitou excesso de autores e manteve apenas referências efetivamente articuladas à análise do Palmeira Clube.

O segundo procedimento foi a análise documental. Foram considerados registros avulsos, materiais de divulgação, documentos de diretoria, textos de homenagem, registros eleitorais e demais vestígios escritos relacionados ao Palmeira Clube. Esses materiais foram lidos como fontes históricas e sociais, observando-

se suas palavras-chave, sujeitos mencionados, formas de representação, referências espaciais e sentidos atribuídos ao clube. A leitura documental foi orientada pela compreensão de que toda fonte é produzida em determinado contexto e carrega seleções, silêncios, intenções e valores.

O terceiro procedimento foi a análise iconográfica. Fotografias da sede, de eventos culturais, de reuniões, apresentações e documentos foram observadas não apenas como ilustrações, mas como fontes capazes de indicar práticas sociais, usos do espaço, formas de reunião, marcas de distinção e modos de representação coletiva. A imagem, nesse sentido, não substitui a interpretação histórica, mas amplia o campo de observação, permitindo perceber elementos de materialidade, presença corporal, organização interna e sociabilidade que nem sempre aparecem de forma explícita nos textos escritos.

O quarto procedimento consistiu no cruzamento interpretativo entre fontes e bibliografia. Os materiais foram agrupados em eixos analíticos: sociabilidade, memória, território, identidade negra, cultura, associativismo e resiliência social. A sistematização seguiu uma orientação qualitativa inspirada na análise de conteúdo, com identificação de recorrências, silêncios e unidades de sentido (Bardin, 2011). Esse agrupamento possibilitou organizar os resultados sem reduzir a complexidade do objeto. Em vez de buscar uma narrativa linear e fechada, a análise procurou compreender como diferentes registros apontam para a centralidade do clube na vida social de seus frequentadores e na memória urbana de Ituiutaba.

A pesquisa também adotou cuidado ético no tratamento das imagens e documentos. As fotografias selecionadas são utilizadas com finalidade acadêmica, sem identificação individual de pessoas retratadas e com foco na compreensão do espaço, das práticas culturais e da memória coletiva. Em imagens de eventos, o interesse não está em nomear sujeitos específicos, mas em interpretar a presença social, os usos do salão, a organização dos grupos e a dimensão cultural do clube. Esse cuidado se torna especialmente importante em estudos que lidam com memórias comunitárias e acervos pessoais ou institucionais.

Por fim, a escrita dos resultados foi estruturada como trabalho completo, articulando análise teórica e empiria. A seção de resultados e discussão apresenta as dimensões encontradas e as relaciona ao conhecimento já disponível sobre território, memória, racismo, cidade e associativismo negro. As figuras inseridas no texto foram escolhidas por sintetizarem três dimensões centrais da pesquisa: a materialidade territorial da sede, a memória documental da instituição e as práticas culturais realizadas no espaço do clube.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da pesquisa indicam que o Palmeira Clube pode ser compreendido como um espaço cuja importância ultrapassa a função recreativa. Embora os clubes sejam frequentemente associados ao lazer, a análise

demonstra que, no caso estudado, o lazer esteve profundamente relacionado à organização comunitária, à construção de pertencimentos, à afirmação identitária e à disputa por reconhecimento social. A existência do clube revela que a população negra de Ituiutaba produziu instituições próprias, capazes de organizar sociabilidades, preservar memórias e criar formas de visibilidade em uma cidade atravessada por hierarquias raciais.

A primeira dimensão identificada refere-se à sociabilidade. O Palmeira Clube constituiu um ambiente de encontro, convivência e produção de laços sociais. Bailes, festas, reuniões, atividades recreativas, eventos culturais e momentos de confraternização possibilitaram a formação de redes de amizade, parentesco, vizinhança e solidariedade. Essas práticas eram importantes porque ofereciam um espaço de reconhecimento mútuo em uma sociedade na qual a população negra frequentemente enfrentava exclusões em espaços de prestígio, lazer e representação pública.

Essa interpretação permite compreender que o reconhecimento social também é produzido por práticas cotidianas. Participar de um clube, organizar eventos, ocupar uma diretoria ou ser reconhecido em uma celebração são ações que reforçam posições de pertencimento e criam visibilidade coletiva. No caso do Palmeira Clube, essas práticas permitiram que sujeitos negros fossem reconhecidos como organizadores de vida social, produtores de cultura e protagonistas da cidade, e não apenas como trabalhadores ou moradores periféricos.

A segunda dimensão diz respeito à memória. O Palmeira Clube funciona como suporte de lembranças individuais e coletivas, pois reúne narrativas sobre juventude, festividades, encontros familiares, amizades, apresentações culturais e momentos de reconhecimento público. As memórias vinculadas ao clube não são apenas lembranças privadas; elas compõem uma memória social que ajuda a compreender a presença negra em Ituiutaba. Conforme Pollak (1989), memória e esquecimento são atravessados por disputas, silêncios e hierarquias. Por isso, recuperar a trajetória do clube significa também enfrentar formas de apagamento histórico.

A análise mostrou que a memória do Palmeira Clube permite questionar a forma como a história urbana costuma ser narrada. Muitas vezes, a memória oficial das cidades privilegia elites políticas, empresariais, religiosas e administrativas, enquanto espaços populares e negros aparecem de forma secundária ou são simplesmente omitidos. O clube, entretanto, revela que a cidade foi produzida também por festas, redes associativas, encontros culturais, práticas esportivas, diretorias comunitárias e formas de solidariedade que contribuíram para a vida urbana local.

A terceira dimensão identificada refere-se à territorialidade. O Palmeira Clube pode ser compreendido como território simbólico porque produziu formas de apropriação, pertencimento e identificação. A localização física da sede é importante, mas sua relevância se amplia quando se observa que o espaço foi investido de sentidos afetivos, políticos e culturais. Frequentar o clube,

reconhecer sua história e narrar suas experiências significa produzir território, isto é, transformar um lugar em referência social para um grupo.

Nesse ponto, a contribuição de Lefebvre (2013, 2025) é importante, pois a cidade pode ser entendida como obra social, produção do espaço e campo de disputa pelo direito de uso, apropriação e participação. O direito à cidade não se limita ao acesso físico aos equipamentos urbanos; envolve também o direito de participar da produção dos significados urbanos, de ocupar espaços de convivência e de ver reconhecidas as memórias de diferentes grupos. O Palmeira Clube, enquanto espaço de sociabilidade negra, expressa uma forma concreta de participação na produção da cidade, pois inscreve experiências negras na paisagem social e simbólica de Ituiutaba.

Materialidade territorial e suporte de memória



Figura 1. Fachada atual do espaço associado ao Palmeira Clube, em Ituiutaba-MG. Fonte: acervo da pesquisa, s.d.

A Figura 1 apresenta a fachada atual do espaço associado ao Palmeira Clube. A imagem evidencia a dimensão material do objeto de pesquisa e permite observar que a memória não se sustenta apenas em narrativas, mas também em marcas espaciais. Muros, portão, vegetação, calçada, entrada e entorno urbano compõem uma paisagem que, para um observador desatento, poderia parecer apenas parte comum da cidade. Entretanto, quando analisada a partir da história social do clube, essa materialidade se transforma em indício de uma territorialidade negra e de uma experiência coletiva acumulada no tempo.

A presença física da sede opera como suporte de memória. Mesmo quando práticas culturais se modificam, quando a frequência diminui ou quando documentos se dispersam, a existência do espaço permite que antigas e novas gerações estabeleçam algum vínculo com a trajetória do clube. A materialidade, portanto, não é neutra. Ela carrega sinais de permanência, abandono, uso, cuidado, conflito e possibilidade de reativação. Nesse sentido, a fachada atual pode ser interpretada como ponto de partida para discutir preservação, patrimônio e direito à memória.

Do ponto de vista geográfico, a imagem reforça que o território se constrói pela relação entre espaço físico e apropriação social. O muro e o portão indicam uma delimitação, mas a territorialidade do clube não se resume à fronteira material. Ela depende das histórias que atravessam o lugar, das pessoas que o reconhecem, das práticas realizadas e dos sentidos que continuam sendo atribuídos ao espaço. A sede, portanto, condensa uma dimensão material e uma dimensão simbólica: é construção urbana e, ao mesmo tempo, referência de pertencimento.

Documento, narrativa de origem e reconhecimento público

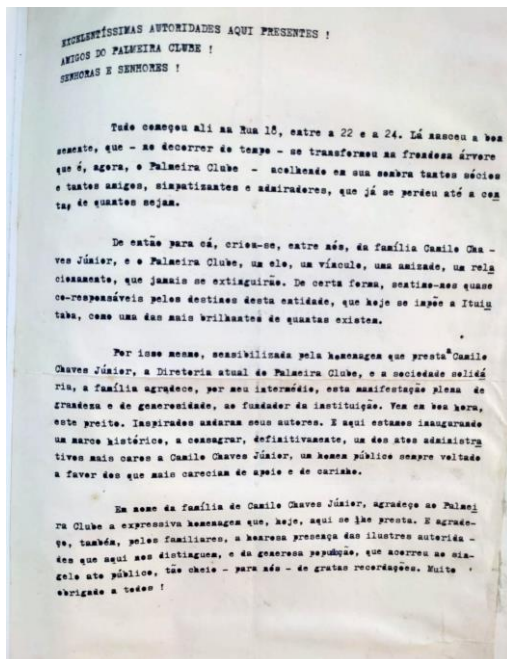


Figura 2. Registro documental com narrativa de origem e homenagem relacionada ao Palmeira Clube. Fonte: acervo da pesquisa, s.d.

A Figura 2 apresenta um registro documental que menciona a origem e a valorização pública do Palmeira Clube. O texto do documento afirma que “tudo começou ali na Rua 18, entre a 22 e a 24”, e utiliza a imagem da “boa semente” que, com o tempo, teria se transformado em “frondosa árvore”. Essa linguagem é significativa porque transforma a história do clube em narrativa de crescimento, continuidade e reconhecimento. O documento não descreve apenas um fato; ele produz uma memória institucional, organizando sentidos sobre origem, legitimidade e importância social.

O documento também menciona antigos integrantes, autoridades presentes e a relação com Camilo Chaves Júnior, em tom de homenagem. Essa presença de autoridades e familiares indica que o clube buscava reconhecimento público e construía pontes com diferentes segmentos da cidade. Ao mesmo tempo, a formulação do texto revela orgulho institucional: o Palmeira Clube é apresentado como entidade brilhante e relevante para Ituiutaba. Essa autovalorização é importante porque

contraria leituras que poderiam reduzir espaços negros a experiências periféricas ou secundárias.

A análise do documento permite perceber como a memória é produzida por meio de palavras, metáforas e rituais de reconhecimento. A “semente” e a “árvore” indicam continuidade; a homenagem indica gratidão; a menção à cidade indica inserção pública. Trata-se, portanto, de uma fonte que revela a forma como a própria instituição se percebia e desejava ser percebida. Ao ser lida em conjunto com as imagens de eventos e com a fachada da sede, essa fonte reforça a interpretação do clube como lugar de memória, sociabilidade e projeção pública.

Esse tipo de registro também evidencia a importância dos acervos dispersos para a escrita da história local. Documentos de associações, convites, discursos, chapas eleitorais, fotografias e programas de festas muitas vezes não entram nos arquivos oficiais, mas são fundamentais para compreender práticas sociais negras. A pesquisa, portanto, precisa dialogar com fontes que circulam em famílias, instituições, memórias pessoais e coleções comunitárias. Sem esse movimento, parte significativa da história urbana permanece invisível.

Práticas culturais, corpo e sociabilidade



Figura 3. Registro de roda de capoeira realizada no espaço do Palmeira Clube. Fonte: acervo da pesquisa, s.d.

A Figura 3 registra uma roda de capoeira realizada no espaço do clube, com participantes e público ao redor. A imagem é expressiva porque revela o clube como lugar de práticas culturais, circulação de saberes corporais e encontro intergeracional. A capoeira, enquanto manifestação afro-brasileira, condensa dimensões de jogo, luta, música, memória e resistência. Quando realizada no interior de um clube social negro, ela amplia a compreensão do espaço como território de cultura e não apenas como local de festas formais.

A disposição dos corpos na imagem sugere uma organização circular, na qual quem joga, quem toca, quem assiste e quem aplaude participa da produção do acontecimento. Essa configuração mostra que a sociabilidade não se limita à conversa ou ao baile; ela também se realiza por meio de gestos, ritmos, performances e aprendizagens coletivas. A roda, nesse sentido, funciona como pedagogia social, transmitindo

valores de respeito, atenção, disciplina, pertencimento e reconhecimento cultural.

A presença de jovens e adultos em torno da prática indica que o clube possibilitava a convivência entre diferentes gerações. Essa dimensão é relevante para a memória, pois os saberes comunitários se mantêm quando encontram espaços de transmissão. A capoeira, os bailes, as reuniões e as apresentações culturais podem ser interpretados como mecanismos de continuidade simbólica. Eles produzem vínculos entre passado e presente, permitindo que o clube seja lembrado não apenas como construção física, mas como espaço vivido e praticado.

A imagem também permite relacionar cultura e resistência. Em uma sociedade na qual manifestações negras foram historicamente reprimidas, folclorizadas ou desvalorizadas, a realização de práticas culturais afro-brasileiras em espaços comunitários representa forma de afirmação. A resistência não aparece apenas em discursos políticos formais; ela se expressa também na música, no corpo, no lazer, na festa e na ocupação coletiva do espaço. O Palmeira Clube, portanto, pode ser interpretado como ambiente no qual diferentes linguagens de resistência se encontraram.

Eixos interpretativos da análise

A quarta dimensão refere-se à resiliência social. A pesquisa evidenciou que a permanência da memória do clube e a valorização de sua trajetória indicam formas de resistência a apagamentos históricos. Em contextos de ruptura social, marcados por mudanças urbanas, transformações nas práticas de lazer, enfraquecimento de associações tradicionais e persistência do racismo, a memória do clube atua como elemento de continuidade e como fonte de reconhecimento. Essa resiliência não significa ausência de conflitos ou dificuldades, mas capacidade de sustentar referências coletivas apesar das pressões que tendem a invisibilizar determinados grupos.

No diálogo com Hall (2003), compreende-se que as identidades são construídas historicamente, em processos de representação e diferença. A identidade negra vinculada ao Palmeira Clube não deve ser tratada como essência fixa, mas como construção social atravessada por experiências, narrativas, práticas culturais e relações de poder. O clube contribuiu para produzir sentidos de pertencimento e valorização, permitindo que sujeitos negros se reconhecessem como parte ativa da cidade. Essa construção identitária também se relaciona com a memória, pois lembrar o clube significa reafirmar a presença negra no passado e no presente urbano.

Os resultados permitem identificar uma relação entre sociabilidade e dignidade. Em contextos de racismo, a possibilidade de frequentar um espaço reconhecido, vestir-se para uma festa, participar de uma diretoria, organizar eventos, apresentar-se artisticamente ou ser homenageado possui sentido social profundo. Tais práticas confrontam estereótipos e ampliam a visibilidade de sujeitos negros como pessoas de prestígio, organização e cultura. O clube,

assim, tornou-se ambiente de construção de autoestima coletiva e de reconhecimento comunitário.

A Tabela 1 sintetiza os principais eixos interpretativos encontrados na análise. Os eixos não devem ser compreendidos como dimensões separadas, pois se articulam continuamente. A sociabilidade produz memória; a memória fortalece o território; o território abriga práticas culturais; e a cultura sustenta formas de resiliência social. A separação em eixos é apenas recurso analítico para organizar a discussão.

Tabela 1. Eixos de análise do Palmeira Clube.

Eixo	Síntese interpretativa
Sociabilidade de	Encontros, festas e redes de convivência; produção de vínculos e pertencimento.
Memória	Documentos, fotografias, narrativas e homenagens; preservação de experiências negras.
Território	Sede, usos do espaço e centralidade simbólica; inscrição da presença negra na cidade.
Cultura	Capoeira, apresentações e celebrações; afirmação identitária e transmissão intergeracional.
Resiliência	Permanência de referências frente a apagamentos; sustentação de sentidos coletivos.

Os eixos apresentados na Tabela 1 indicam que o Palmeira Clube deve ser interpretado como objeto interdisciplinar. A abordagem histórica permite compreender sua trajetória no tempo; a geografia contribui para analisar a produção do espaço e das territorialidades; os estudos culturais ajudam a interpretar práticas simbólicas; e o debate sobre relações raciais evidencia a dimensão política da sociabilidade negra. Essa articulação corresponde ao caráter interdisciplinar proposto pelo CoBICET e demonstra que fenômenos locais podem revelar processos sociais mais amplos.

Outro resultado importante é a identificação de tensões entre visibilidade e invisibilidade. O clube, ao mesmo tempo em que foi referência para a população negra e para a vida cultural da cidade, não necessariamente ocupa lugar proporcional em registros oficiais, narrativas patrimoniais ou políticas de memória. Essa tensão é comum na história de grupos subalternizados: a presença social é forte na experiência vivida, mas frágil nos documentos institucionais. Por isso, a pesquisa sobre o Palmeira Clube exige atenção a fontes diversas e a formas não tradicionais de registro, como fotografias, lembranças, narrativas orais e marcas simbólicas no espaço.

A partir desse diagnóstico, a pesquisa aponta que a preservação da memória do Palmeira Clube não deve ser entendida apenas como preocupação nostálgica. Trata-se de questão ligada ao direito à memória, à educação para as relações étnico-raciais e à democratização da história

urbana. Ao conhecer a trajetória de espaços como o Palmeira Clube, estudantes, pesquisadores e moradores podem compreender que a população negra participou ativamente da construção social da cidade, não apenas como força de trabalho, mas como produtora de cultura, sociabilidade, conhecimento e pertencimento.

A relação com a educação aparece justamente nesse ponto. O clube pode ser mobilizado como objeto de ensino e pesquisa em História, Geografia e Educação das Relações Étnico-Raciais, contribuindo para práticas pedagógicas que valorizem a história local e a presença negra no município. A Lei nº 10.639/2003, ao tornar obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, reforça a necessidade de trabalhar conteúdos que aproximem os estudantes de experiências concretas de protagonismo negro. Nesse sentido, o Palmeira Clube pode ser compreendido como recurso pedagógico e como fonte para discutir racismo, cidade, cultura, território e memória.

Também se observou que a discussão sobre trabalho pode ser incorporada de modo indireto, mas relevante. Muitos clubes negros surgiram e se consolidaram em contextos nos quais a população negra buscava reconhecimento social para além das posições subalternizadas no mercado de trabalho. O espaço do lazer, da festa e da associação permitia a construção de identidades que não se limitavam à condição laboral. Assim, o clube ajudava a produzir outras formas de visibilidade, mostrando que os sujeitos negros eram também organizadores de cultura, famílias, redes de solidariedade e projetos comunitários.

A leitura do clube como território negro permite problematizar a falsa neutralidade dos espaços urbanos. Determinados locais da cidade são socialmente reconhecidos como espaços de prestígio, enquanto outros permanecem pouco lembrados. Essa hierarquia de memórias acompanha a própria hierarquia racial e social que estrutura as cidades brasileiras. Reconhecer o Palmeira Clube como território de memória significa questionar quais espaços são celebrados, quais são silenciados e quais sujeitos têm sua presença legitimada na história local.

A dimensão associativa também se mostrou central. Um clube depende de diretoria, regras, contribuições, registros, decisões coletivas e trabalho organizativo. Esses elementos demonstram capacidade institucional e agência social. A população negra não apenas frequentava espaços; ela os organizava, administrava, financiava, divulgava e defendia. Essa constatação é importante porque desloca a narrativa da carência para a narrativa da produção social. Em vez de pensar apenas na exclusão sofrida, a pesquisa evidencia também as formas criadas para enfrentá-la.

Contribuições para educação, patrimônio e cidade

Tabela 2. Possibilidades de contribuição social da pesquisa.

Dimensão	Aplicação possível
Educação	História local e relações étnico-raciais:

	aulas, projetos e roteiros de memória.
Patrimônio	Reconhecimento de espaços negros: inventários, acervos e políticas culturais.
Pesquisa	Cruzamento de documentos, fotografias e narrativas sobre clubes negros no interior.
Cidade	Releitura da formação urbana com inclusão de territorialidades negras na memória pública.

A Tabela 2 apresenta uma síntese das contribuições sociais da pesquisa. O objetivo não é transformar o clube em objeto fechado do passado, mas demonstrar que sua memória pode gerar ações no presente. O estudo do Palmeira Clube pode contribuir para práticas educativas, políticas de patrimônio, projetos culturais, pesquisas acadêmicas e ações de valorização da história local. A memória, nesse sentido, torna-se instrumento de leitura crítica da cidade e de construção de cidadania.

A síntese apresentada reforça que a memória do Palmeira Clube possui potencial analítico e social. Analítico, porque permite compreender a produção de territorialidades negras em uma cidade média do interior mineiro; social, porque contribui para reconhecer experiências historicamente marginalizadas. A pesquisa, portanto, demonstra que a investigação de um clube local pode revelar problemas de alcance nacional, como a permanência do racismo estrutural, a desigual distribuição do reconhecimento urbano e a necessidade de políticas de memória mais inclusivas.

Ao tratar o Palmeira Clube como território, evita-se reduzi-lo a um espaço de lazer isolado. O território é resultado de relações sociais e de práticas de apropriação; por isso, sua análise exige compreender quem o produziu, quem o frequentou, que sentidos foram atribuídos a ele e como sua memória circula no presente. A territorialidade negra expressa no clube mostra que a população negra não apenas ocupou a cidade, mas produziu centralidades próprias, referências afetivas e redes de pertencimento que desafiam narrativas de invisibilidade.

A noção de centralidade negra ajuda a compreender que a segregação socioespacial não significa ausência de agência. Ainda que a população negra tenha enfrentado restrições de acesso, discriminação e desigualdades, ela também construiu espaços de autonomia, festa, administração e cultura. Essa interpretação dialoga com estudos sobre cotidiano urbano e fragmentação socioespacial em contextos urbanos não metropolitanos (Magrini, 2013; Sposito e Sposito, 2020). A centralidade, neste caso, não é definida somente por fluxos econômicos ou equipamentos públicos, mas pela capacidade de reunir pessoas, criar memória e organizar reconhecimento. O Palmeira Clube, portanto, pode ser interpretado como centralidade simbólica e afetiva.

A pesquisa também indicou que a memória do clube atua como contraponto a processos de apagamento. O

apagamento não se expressa apenas pela destruição material de espaços ou pela ausência de documentos; ele também ocorre quando determinados lugares deixam de ser mencionados nas narrativas escolares, nos roteiros culturais, nas comemorações municipais e nos projetos patrimoniais. A memória do Palmeira Clube, quando recuperada e analisada, produz uma interrupção nesse silêncio e abre espaço para novas narrativas sobre Ituiutaba.

Nesse sentido, a sociabilidade produzida no Palmeira Clube pode ser compreendida como uma forma de pedagogia social. Mesmo quando não havia uma intenção escolar formal, o clube ensinava modos de convivência, organização, apresentação pública, valorização da cultura negra e pertencimento comunitário. Essa pedagogia social se realizava na prática: nas reuniões, nas festas, nas apresentações culturais, nas homenagens e na administração cotidiana. O clube educava para a vida coletiva, para o respeito à memória e para a afirmação diante das desigualdades.

Do ponto de vista da aplicação social, os resultados apontam quatro possibilidades principais: uso do clube como tema de ensino de História local e Geografia urbana; valorização de práticas culturais negras no município; organização de acervos documentais e fotográficos; e produção de ações de educação patrimonial envolvendo comunidade, escolas e universidade. Essas possibilidades mostram que a pesquisa acadêmica pode dialogar com demandas sociais concretas, especialmente quando se dedica a objetos vinculados à memória coletiva.

A dimensão patrimonial, contudo, deve ser tratada com cautela. Patrimonializar uma memória não significa congelá-la nem transformá-la em objeto distante da comunidade que a produziu. Ao contrário, políticas de memória devem reconhecer os sujeitos vinculados ao espaço, respeitar narrativas plurais e garantir participação social. No caso do Palmeira Clube, qualquer ação de preservação precisa considerar que o valor do espaço não está apenas em sua arquitetura, mas nas experiências sociais e culturais que o constituíram como referência para a população negra.

Ao relacionar memória e território, percebe-se que a preservação de lembranças não depende apenas da vontade individual. Ela requer condições sociais de reconhecimento, espaços de transmissão e políticas de valorização. No plano do cotidiano, conforme Lefebvre (1991), as práticas comuns da vida social também produzem sentidos urbanos e revelam conflitos, apropriações e permanências. Quando um clube negro permanece fora dos mapas culturais da cidade, sua memória se torna mais vulnerável. Quando é incorporado a pesquisas, aulas, exposições e narrativas públicas, sua existência passa a disputar sentidos com versões oficiais e incompletas da história urbana.

A investigação também reforça a necessidade de considerar a cultura como dimensão estruturante da vida urbana. Muitas análises sobre cidades médias priorizam economia, infraestrutura, expansão territorial e administração pública. Esses elementos são importantes,

mas não esgotam a experiência urbana. Festas, clubes, práticas corporais, bailes, diretorias comunitárias e redes de solidariedade também produzem cidade. O Palmeira Clube evidencia justamente essa dimensão cultural da urbanização, revelando que a cidade é feita de usos e significados, e não apenas de obras e instituições formais.

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa evidencia a importância de combinar fontes e escalas de análise. O estudo de um clube local exige atenção às especificidades de Ituiutaba, mas também demanda diálogo com processos nacionais de racismo, pós-abolição, associativismo negro e construção de espaços de lazer. Essa articulação entre local e nacional evita tanto o isolamento do objeto quanto sua generalização excessiva. O Palmeira Clube é singular em sua história, mas participa de uma problemática mais ampla sobre presença negra, cidade e memória no Brasil.

Por fim, os resultados indicam que o estudo do Palmeira Clube contribui para uma leitura mais complexa de Ituiutaba. A cidade aparece como espaço de encontros e conflitos, de memória e esquecimento, de sociabilidade e segregação. Nessa perspectiva, a história urbana deixa de ser compreendida apenas pela expansão física ou pelo desenvolvimento econômico e passa a incorporar sujeitos, práticas e territórios que revelam a pluralidade da experiência urbana. O Palmeira Clube, portanto, emerge como lugar estratégico para analisar as relações entre memória, identidade negra, território e resiliência social.

Por essa razão, o trabalho completo aqui apresentado não pretende encerrar a discussão. Ele organiza resultados analíticos já alcançados e indica caminhos para aprofundamento. Entre esses caminhos, destacam-se a ampliação do levantamento documental, a realização de entrevistas com sujeitos ligados ao clube, o mapeamento das práticas culturais e a construção de estratégias de devolutiva social da pesquisa. Tais desdobramentos podem fortalecer o diálogo entre universidade, comunidade e cidade.

A análise permitiu ainda identificar uma contribuição para a formação acadêmica e cidadã. Ao pesquisar o Palmeira Clube, o pesquisador se depara com fontes dispersas, lacunas documentais e narrativas que exigem escuta, cuidado e interpretação crítica. Esse processo amplia a compreensão sobre a produção do conhecimento histórico e geográfico, mostrando que pesquisar memórias negras demanda sensibilidade metodológica e compromisso com a valorização de sujeitos historicamente silenciados.

Em termos de resultados, a dimensão da sociabilidade revelou o clube como ambiente de reconhecimento e encontro; a dimensão da memória evidenciou sua força como referência coletiva; a dimensão territorial mostrou a importância da sede e dos usos do espaço; a dimensão cultural demonstrou a vitalidade das práticas afro-brasileiras; e a dimensão da resiliência social indicou a capacidade coletiva de enfrentar apagamentos. Essas dimensões, articuladas, sustentam a interpretação do Palmeira Clube como território negro de memória e pertencimento em Ituiutaba-MG.

Memória negra, justiça espacial e desdobramentos interdisciplinares

A discussão sobre o Palmeira Clube também permite abordar a relação entre memória urbana e justiça espacial. A memória das cidades não se conserva de modo espontâneo, pois depende de suportes, narrativas, agentes e disputas. Alguns espaços são monumentalizados, outros são esquecidos, e essa seleção raramente é neutra. Ao trazer o Palmeira Clube para o centro da análise, a pesquisa propõe deslocar a memória urbana de Ituiutaba para além dos lugares tradicionalmente consagrados, incorporando experiências negras que ajudam a explicar a própria formação social da cidade.

Essa perspectiva é importante porque a cidade, muitas vezes, naturaliza desigualdades. O fato de determinados espaços negros serem pouco mencionados em roteiros oficiais, livros comemorativos ou discursos públicos não significa que tenham sido pouco relevantes. Significa, antes, que o reconhecimento público é atravessado por relações de poder. A memória urbana é seletiva: depende de quem narra, de quais arquivos são preservados, de quais sujeitos são reconhecidos e de quais experiências são consideradas dignas de registro. O Palmeira Clube tensiona essa seletividade e exige uma história urbana mais plural.

A análise do clube também contribui para compreender o racismo como fenômeno espacial. O racismo não se manifesta apenas em atitudes individuais, mas também na distribuição desigual de oportunidades, prestígio, circulação, moradia, lazer e memória. Em tal contexto, um clube negro possui sentido político, pois cria um espaço onde a população negra pode produzir visibilidade positiva, organização, convivência e reconhecimento coletivo.

Ao mesmo tempo, é necessário evitar uma leitura que transforme a população negra apenas em vítima. O Palmeira Clube revela a existência de sujeitos negros organizados, capazes de produzir instituições, práticas culturais e estratégias de valorização. A análise, portanto, não se limita a denunciar exclusões; ela evidencia agência, criatividade, autonomia e capacidade coletiva de construir espaços de pertencimento.

A presença de mulheres nas imagens, nos documentos e nas atividades do clube também merece atenção. Ainda que este trabalho não desenvolva uma análise específica de gênero, os registros sugerem que as mulheres participaram da vida social, cultural e administrativa do espaço. Desse modo, futuras pesquisas podem aprofundar como mulheres negras atuaram na organização de festas, diretorias, concursos, atividades culturais e redes de solidariedade vinculadas ao clube.

A dimensão cultural do Palmeira Clube evidencia que o espaço cultural negro não é apenas local de apresentação artística, mas ambiente de produção de comunidade, ritmo, corpo, oralidade e vínculo. Nesse sentido, a roda de capoeira registrada na Figura 3 não deve ser vista apenas como espetáculo, mas como prática que organiza relações,

produz pertencimento e reinscreve memórias afro-brasileiras em um espaço urbano específico.

O Palmeira Clube também pode ser interpretado como lugar onde corpos negros produziram presença, movimento e reconhecimento. Balar, jogar capoeira, desfilar, discursar, organizar chapas, administrar patrimônio e frequentar festas são ações corporais e sociais que tornam a presença negra visível. O território, portanto, não é apenas solo ou edifício; é também prática, movimento e experiência vivida.

A noção de lugar de memória, nesse caso, precisa ser compreendida de forma dinâmica. O Palmeira Clube não é lugar de memória apenas porque guarda lembranças de um passado concluído. Ele é lugar de memória porque continua a produzir perguntas sobre a cidade, a orientar pertencimentos e a revelar disputas em torno do reconhecimento. Nora (1993) permite compreender que os lugares de memória emergem quando há necessidade de preservar sentidos ameaçados pelo esquecimento. O clube, nesse sentido, aparece como ponto de condensação de uma memória que precisa ser registrada para não se dispersar.

O trabalho com fotografias reforça esse argumento. As imagens não oferecem uma verdade pronta, mas permitem observar indícios: a organização do salão, a presença de público, a disposição de mesas, os trajes, os gestos, as atividades e a forma como o espaço era ocupado. Esses elementos tornam visível uma vida social que não pode ser reduzida a datas ou nomes de dirigentes. A fotografia permite perceber atmosferas, densidades de convivência e modos de presença. Por isso, sua análise é fundamental para compreender a experiência social do clube.

O documento apresentado na Figura 2, por sua vez, mostra a força da palavra escrita na construção da memória institucional. Ao narrar uma origem, homenagear sujeitos e afirmar a grandeza do clube, o texto participa da produção de legitimidade. Ele indica que o Palmeira Clube não se via como espaço menor ou improvisado, mas como entidade relevante para Ituiutaba. Essa afirmação é analiticamente importante porque mostra que a própria comunidade produziu discursos de valorização, contrapondo-se ao risco de invisibilidade e desqualificação.

A fachada atual, registrada na Figura 1, sugere outra questão: a relação entre permanência material e fragilidade da memória. Um espaço pode continuar existindo fisicamente e, ainda assim, ser pouco reconhecido socialmente. A preservação da materialidade não garante, por si só, a preservação do sentido. É necessário produzir narrativas, pesquisas, ações educativas e políticas culturais capazes de explicar por que aquele lugar importa. Dessa forma, a pesquisa acadêmica pode contribuir para transformar uma fachada aparentemente comum em referência de memória urbana e racial.

A relação entre clube e cidade também deve ser analisada a partir das escalas. Na escala do cotidiano, o Palmeira Clube reuniu pessoas em festas, reuniões e práticas culturais. Na escala urbana, produziu uma

referência espacial para a população negra de Ituiutaba. Na escala histórica, conecta-se a um conjunto mais amplo de clubes sociais negros no Brasil. Essa articulação entre escalas permite compreender que uma experiência local pode revelar estruturas sociais mais amplas, sem perder sua especificidade.

A interdisciplinaridade do objeto aparece justamente nessa articulação. A História contribui para situar temporalmente os documentos e as práticas; a Geografia ajuda a interpretar território, lugar e centralidade; a Sociologia permite compreender associações, prestígio e relações de poder; os Estudos Culturais iluminam identidade, representação e performance; e a Educação abre possibilidades de uso pedagógico da memória local. O Palmeira Clube, portanto, não cabe em uma única área disciplinar, pois sua existência combina materialidade, cultura, política, memória e espaço.

Essa dimensão interdisciplinar aproxima a pesquisa da proposta do CoBICET, que valoriza diálogos entre diferentes campos de conhecimento. O estudo mostra que ciência e tecnologia não se restringem a laboratórios, instrumentos ou inovações materiais. A produção de conhecimento sobre memória, cultura e território também é fundamental para enfrentar desafios sociais contemporâneos. Em tempos de disrupção, compreender como comunidades preservam sentidos, constroem pertencimentos e enfrentam apagamentos é parte essencial da reflexão sobre sociedade.

Outro aspecto relevante é a relação entre memória e juventude. As imagens de eventos culturais indicam a presença de jovens em atividades do clube, o que permite pensar a transmissão intergeracional de referências. Quando jovens frequentam, assistem, participam ou performam em um espaço de memória negra, entram em contato com repertórios que podem fortalecer identidade e pertencimento. Essa dimensão é particularmente importante em uma sociedade na qual muitos jovens negros encontram poucas referências positivas sobre sua própria história local nos currículos escolares e na memória pública.

A pesquisa, assim, sugere que o Palmeira Clube pode ser incorporado a práticas de educação patrimonial. Estudantes poderiam investigar sua localização, analisar fotografias, entrevistar frequentadores, produzir mapas afetivos, organizar exposições e relacionar a história do clube à formação urbana de Ituiutaba. Essas ações aproximariam universidade, escola e comunidade, permitindo que o conhecimento acadêmico retornasse ao território pesquisado. Tal devolutiva é essencial quando se trabalha com memórias coletivas e grupos historicamente marginalizados.

A discussão sobre patrimônio também precisa reconhecer que nem todo patrimônio negro se apresenta como monumento tradicional. Muitas vezes, ele aparece em documentos frágeis, fotografias de acervo familiar, lembranças orais, salões de festas, sedes associativas, instrumentos musicais, figurinos, atas e objetos cotidianos. Reconhecer esses suportes exige ampliar a própria noção de patrimônio. O valor do Palmeira Clube não está apenas

em sua arquitetura, mas na rede de práticas e significados que o transformou em referência coletiva.

Nesse sentido, a pesquisa contribui para a crítica de uma memória urbana elitizada. Ao priorizar grandes obras, nomes oficiais e narrativas de progresso, muitas cidades deixam de reconhecer experiências populares e negras que também estruturaram a vida social. A história do Palmeira Clube mostra que o progresso urbano não pode ser medido apenas por crescimento econômico ou expansão territorial. Uma cidade também se desenvolve quando seus grupos produzem cultura, organizam espaços de convivência e constroem formas de reconhecimento mútuo.

A análise das fontes sugere ainda que a diretoria e as formas de organização interna do clube merecem investigação futura. Chapas, cargos, comissões, conselhos e convites revelam uma vida institucional complexa. Esses elementos indicam que o clube possuía formas de gestão, negociação e planejamento. Ao estudar essa organização, seria possível compreender melhor como a população negra administrava recursos, tomava decisões, criava redes de apoio e sustentava a continuidade do espaço. Essa dimensão administrativa também compõe a história da cidadania negra.

A resiliência social, portanto, não deve ser pensada como conceito abstrato. No caso do Palmeira Clube, ela aparece em práticas concretas: guardar documentos, realizar eventos, manter vínculos, preservar fotografias, transmitir lembranças e reivindicar reconhecimento. Cada uma dessas ações contribui para impedir que a história do clube desapareça. A resiliência é coletiva porque depende de muitas pessoas; é territorial porque se liga a um lugar; e é memorial porque se expressa na luta contra o esquecimento.

A pesquisa também permite discutir a relação entre memória e afeto. Clubes sociais não são apenas instituições; são espaços onde sujeitos vivem experiências marcantes, constroem amizades, celebram etapas da vida e criam lembranças familiares. Esse componente afetivo não diminui o rigor da análise; ao contrário, ajuda a compreender por que determinados espaços permanecem importantes mesmo quando sua presença institucional se modifica. O afeto é uma dimensão social da memória e precisa ser considerado em estudos sobre território e pertencimento.

Por fim, a análise ampliada reforça que o Palmeira Clube é um objeto estratégico para pensar a cidade democrática. Uma cidade democrática não é apenas aquela que oferece infraestrutura, mas aquela que reconhece a pluralidade de seus sujeitos e de suas memórias. Ao valorizar a trajetória do clube, Ituiutaba amplia a possibilidade de narrar sua história de modo mais justo. O reconhecimento do Palmeira Clube como território de memória negra não é apenas uma questão acadêmica; é uma contribuição para a justiça social, racial e espacial.

Limites e continuidade da pesquisa

Como aprofundamento da análise, cabe destacar que a memória do Palmeira Clube também depende de condições materiais de preservação. Documentos, fotografias e objetos guardados em acervos pessoais ou institucionais podem se deteriorar com o tempo, especialmente quando não há políticas de conservação, digitalização e catalogação. A pesquisa evidencia, portanto, a urgência de organizar um acervo específico sobre o clube, reunindo fontes dispersas e criando meios de acesso que respeitem a comunidade vinculada à sua história.

A criação de um acervo não deve ser vista apenas como procedimento técnico. Trata-se de uma ação política de reconhecimento. Quando fotografias são identificadas, documentos são preservados e narrativas são registradas, a cidade amplia sua capacidade de reconhecer a contribuição negra para sua formação. O acervo, nesse sentido, pode funcionar como instrumento de pesquisa, ensino e devolutiva social. Ele permite que a memória deixe de depender exclusivamente da lembrança individual e passe a contar com suportes coletivos de transmissão.

Outro caminho importante é a realização de entrevistas com antigos frequentadores, dirigentes, familiares e sujeitos que participaram de eventos culturais do clube. A história oral permitirá compreender experiências que os documentos escritos não registram, como emoções, conflitos, trajetórias familiares, formas de discriminação, estratégias de organização e significados atribuídos ao espaço. Essa etapa deve ser conduzida com cuidado ético, respeitando consentimento, autoria das narrativas e direito dos participantes sobre suas próprias memórias.

A pesquisa também pode avançar por meio de mapeamentos urbanos. Localizar o clube em relação a outros espaços de sociabilidade negra, escolas, bairros populares, igrejas, praças, locais de trabalho e trajetos de circulação permitiria compreender melhor a inserção do Palmeira Clube na geografia social de Ituiutaba. Esse mapeamento não teria apenas função cartográfica; poderia revelar redes de relação, fronteiras simbólicas e centralidades afetivas que estruturavam a vida cotidiana dos frequentadores.

Além disso, o trabalho aponta a necessidade de comparar o Palmeira Clube com outros clubes sociais negros do Triângulo Mineiro, do Alto Paranaíba e de outras regiões brasileiras. Essa comparação possibilitaria identificar semelhanças e diferenças em relação à origem, organização, práticas culturais, relação com o poder público e processos de preservação. O estudo comparativo ajudaria a situar Ituiutaba em uma história mais ampla do associativismo negro, evitando que a experiência local seja analisada de modo isolado.

A dimensão educacional também pode ser desdobrada em materiais didáticos. A partir da pesquisa, seria possível produzir sequências de aulas, mapas, exposições virtuais, podcasts, pequenos documentários, roteiros de visita e cadernos pedagógicos sobre a memória negra em Ituiutaba. Esses materiais contribuiriam para cumprir a Lei nº 10.639/2003 de modo situado, aproximando

estudantes da história do próprio município e mostrando que a cultura afro-brasileira não está distante de sua realidade cotidiana.

A devolutiva à comunidade é outro aspecto fundamental. Pesquisas sobre memória não devem apenas extrair informações para circulação acadêmica; elas precisam retornar aos sujeitos e espaços pesquisados. No caso do Palmeira Clube, uma devolutiva poderia ocorrer por meio de rodas de conversa, exposição de fotografias, entrega de cópias digitalizadas, oficinas de preservação de acervo ou apresentações públicas dos resultados. Esse retorno fortalece vínculos e reconhece a comunidade como parceira na produção do conhecimento.

A análise também permite refletir sobre o papel da universidade pública. Ao pesquisar um clube social negro de Ituiutaba, a universidade se aproxima de uma demanda social relacionada à memória, à identidade e à justiça racial. Isso demonstra que a pesquisa acadêmica pode contribuir para além da formação individual do pesquisador, produzindo conhecimento útil para escolas, instituições culturais, movimentos sociais e moradores. A universidade, nesse caso, atua como mediadora entre memória local e debate científico.

Outro ponto de aprofundamento envolve a relação entre festa e política. Em sociedades marcadas por racismo, a festa negra não deve ser interpretada como ausência de política. O baile, o desfile, a roda de capoeira e a reunião social podem ser formas de afirmar existência, construir prestígio e criar redes. O político aparece na possibilidade de reunir pessoas, ocupar um salão, celebrar a cultura, eleger dirigentes e tornar pública uma presença historicamente negada. Essa leitura amplia a compreensão do que conta como ação política.

A própria ideia de clube social negro revela uma tensão entre inclusão e autonomia. Por um lado, a existência desses espaços pode ser lida como resposta a exclusões sofridas em ambientes brancos ou elitizados. Por outro, os clubes também expressam autonomia, criatividade e vontade de construir espaços próprios de convivência. O Palmeira Clube deve ser interpretado nessa dupla dimensão: como resposta a desigualdades e como projeto comunitário afirmativo, capaz de produzir cultura e reconhecimento por iniciativa de seus próprios sujeitos.

A memória do clube também contribui para discutir pertencimento urbano. Pertencer à cidade não significa apenas morar nela; significa reconhecer-se em seus espaços, ser reconhecido por eles e ter sua história incorporada à memória coletiva. Quando grupos negros constroem clubes, festas e associações, eles reivindicam pertencimento e produzem marcas no espaço urbano. O Palmeira Clube é uma dessas marcas: uma referência que demonstra que a população negra participou da cidade não de forma periférica, mas como produtora de vida social.

A análise reforça, ainda, a importância de evitar uma história única da cidade. Ituiutaba pode ser narrada por diferentes perspectivas: econômica, política, religiosa, educacional, cultural, racial e territorial. A história do Palmeira Clube acrescenta uma camada fundamental a

essa narrativa, pois evidencia sujeitos e práticas que ajudam a compreender a pluralidade da experiência urbana. Incorporar essa camada não significa substituir outras histórias, mas ampliar o campo de interpretação e tornar a memória pública mais democrática.

Por fim, o estudo indica que a preservação da memória do Palmeira Clube é tarefa coletiva. Pesquisadores, frequentadores, familiares, escolas, universidade, poder público e instituições culturais podem contribuir para que documentos, imagens e narrativas não se percam. Essa tarefa não se limita ao passado; ela diz respeito ao tipo de cidade que se deseja construir no presente. Uma cidade que reconhece seus territórios negros reconhece também a dignidade de sujeitos que historicamente lutaram para produzir espaços de vida, cultura e pertencimento.

A noção de justiça memorial ajuda a sintetizar esse conjunto de preocupações. Justiça memorial significa reconhecer que grupos diferentes não tiveram as mesmas condições de registrar, preservar e divulgar suas histórias. Quando a memória negra depende apenas de lembranças familiares ou de documentos guardados sem apoio institucional, ela se torna mais vulnerável ao esquecimento. A pesquisa sobre o Palmeira Clube, portanto, atua como esforço de reparação simbólica, pois contribui para tornar pública uma experiência social que merece lugar na história da cidade.

Esse esforço também tem dimensão formativa para o pesquisador e para a comunidade acadêmica. Investigar um clube social negro exige reconhecer lacunas, ouvir sujeitos, respeitar acervos, interpretar silêncios e evitar conclusões apressadas. O trabalho com memórias negras locais ensina que a produção do conhecimento não ocorre apenas pela aplicação de métodos, mas também pela construção de confiança, responsabilidade e compromisso ético. A ciência, nesse caso, aproxima-se da vida social concreta e de seus conflitos.

Outro elemento importante é a circulação futura dos resultados. A publicação em anais acadêmicos pode ampliar a visibilidade do tema, mas não deve ser o único destino da pesquisa. O conhecimento produzido precisa circular também em linguagem acessível, alcançando escolas, moradores, familiares e instituições locais. Dessa forma, o trabalho completo apresentado ao evento pode funcionar como etapa intermediária de um processo maior, que envolve pesquisa, escrita, divulgação, debate público e preservação comunitária.

A continuidade da investigação poderá ainda examinar as mudanças do clube ao longo do tempo. Transformações nas formas de lazer, no crescimento urbano, nas políticas culturais, nas relações geracionais e nas condições econômicas certamente influenciaram a dinâmica da entidade. Compreender essas mudanças ajudará a evitar uma visão idealizada do passado. O objetivo não é romantizar o clube, mas compreender sua complexidade, incluindo conquistas, dificuldades, conflitos, permanências e rupturas.

Assim, a pesquisa reafirma a importância de estudar instituições negras em cidades médias. Esses espaços

ajudam a romper com a concentração de estudos apenas em grandes capitais e demonstram que a presença negra organizada também marcou o interior brasileiro. O Palmeira Clube de Ituiutaba-MG, ao ser analisado como território de sociabilidade, memória e resistência, contribui para ampliar o repertório de pesquisas sobre população negra, associativismo, cultura urbana e produção do espaço no Brasil.

CONCLUSÃO

O trabalho analisou o Palmeira Clube de Ituiutaba-MG como território de sociabilidade, memória e resistência negra. A partir da abordagem qualitativa, bibliográfica, documental e iconográfica, foi possível demonstrar que o clube possui relevância que ultrapassa sua função recreativa, pois se constituiu como espaço de encontro, reconhecimento, construção identitária e preservação de memórias coletivas. Os resultados indicam que o clube operou como território simbólico, articulando práticas culturais, vínculos comunitários e formas de afirmação frente às desigualdades raciais e urbanas.

Conclui-se que o Palmeira Clube contribui para ampliar a compreensão da formação socioespacial de Ituiutaba, ao evidenciar a presença negra como dimensão ativa da produção da cidade. Sua memória questiona narrativas urbanas centradas apenas em elites políticas e econômicas, permitindo reconhecer sujeitos, práticas e espaços que participaram da construção da vida social local. Desse modo, estudar o clube é também discutir direito à cidade, direito à memória e educação para as relações étnico-raciais.

O estudo mostrou ainda que a resiliência social associada ao Palmeira Clube não deve ser entendida como mera adaptação, mas como capacidade coletiva de preservar referências, produzir pertencimentos e enfrentar apagamentos históricos. A resiliência aparece na permanência das lembranças, na materialidade da sede, nos documentos guardados, nas imagens de eventos e nas práticas culturais que marcaram gerações. Ela expressa a força de uma comunidade que produziu sentidos para si mesma diante de contextos de desigualdade.

Como desdobramento, recomenda-se a ampliação da pesquisa com entrevistas, organização de acervos, levantamento iconográfico, mapeamento de trajetórias e ações de divulgação científica voltadas à comunidade. Tais iniciativas podem fortalecer a preservação da memória do clube e contribuir para políticas culturais mais democráticas em Ituiutaba. O Palmeira Clube, portanto, deve ser reconhecido como parte fundamental da história urbana local e como referência para pensar território, identidade negra e justiça memorial.

AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio à formação acadêmica no âmbito do mestrado, e ao Programa de Pós-Graduação em Geografia do Pontal da Universidade Federal de Uberlândia, pelo espaço de formação e pesquisa.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BRAGA, Geslline G. “Cada um no seu quadrado”: os Clubes Sociais Negros e a imaterialidade do lugar na produção cultural do real. *Sociedade e Cultura*, Goiânia, v. 22, n. 2, p. 06-24, 2019.
- BRASIL. *Lei nº 10.639*, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394/1996 para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira. Diário Oficial da União, Brasília, 10 jan. 2003.
- CARLOS, Ana Fani A. Da organização à produção do espaço no movimento do pensamento geográfico. In: CARLOS, A. F. A.; SOUZA, M. L.; SPOSITO, M. E. B. *A produção do espaço urbano*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 53-73.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Sobre agentes sociais, escala e produção do espaço: um texto para discussão. In: CARLOS, A. F. A.; SOUZA, M. L.; SPOSITO, M. E. B. *A produção do espaço urbano*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 41-51.
- DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. *Tempo*, Niterói, v. 12, n. 23, p. 100-122, 2007.
- HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- HALL, Stuart. Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior. In: SOVIK, Liv (org.). *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003. p. 25-50.
- LEFEBVRE, Henri. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Ática, 1991.
- LEFEBVRE, Henri. *La producción del espacio*. Madrid: Capitán Swing, 2013.
- LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. 4. ed. Itapevi: Nebli, 2025.
- MAGRINI, Maria Angélica de Oliveira. *Vidas em enclaves: imaginário das cidades inseguras e fragmentação socioespacial em contextos não metropolitanos*. 2013. 488 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2013.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Edusp, 2006.
- SILVA, Fernanda Oliveira da. *As lutas políticas nos clubes negros: culturas negras, racialização e cidadania na fronteira Brasil-Uruguaí no pós-abolição (1870-1960)*. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.
- SPOSITO, Eliseu S.; SPOSITO, Maria Encarnação B. Fragmentação socioespacial. *Mercator*, Fortaleza, v. 19, 2020.